

# Sintomas de cansaço

## Symptom of fatigue

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**.  
Petrópolis: Vozes, 2015.

### Muriel Emídio Pessoa do Amaral

Doutorando bolsista (CAPES/Unesp) em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Mestre em Comunicação Midiática pela mesma instituição. Foi professor do curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) da Universidade Norte do Paraná (Unopar). E-mail: [murielamaral@yahoo.com.br](mailto:murielamaral@yahoo.com.br).

## RESENHA

### RESUMO

Byung-Chul Han apresenta o conceito de sociedade do cansaço em que, pelo excesso de trabalho, a ausência de alteridade, o fluxo histórico de produção e a inversão de valores fomentam e edificam a sensação de cansaço. Para o autor, o surgimento da sociedade do cansaço é sintoma dos modos de produção que, além de explorar a força de trabalho, também representa o desenvolvimento de doenças e depressão. Assim, o autor também considera a participação da comunicação para a elaboração desse tipo de sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cansaço; Produtividade; Desempenho.

### ABSTRACT

Byung-Chul Han shows the concept of Fatigue Society that by workholic, absence of otherness, historic flow of production and inversion of values foster and build the fatigue sensation. For the author, the appearance of Fatigue Society is a symptom of production ways that, beside exploring the Strong of work, represents too the development of diseases and depression. Thus, the author also considers the participation of communication for the preparation of this type of society.

**KEYWORDS:** Fatigue; Productivity; Performance

Não há como ficar indiferente às reflexões expostas por Byung-Chul Han no livro *Sociedade do cansaço* (2015). De modo objetivo e elucidante, o autor, nascido na Coreia do Sul e radicado na Alemanha, teceu pelos ensaios apresentados posicionamentos precisos e contundentes sobre a atual cultura que não preza pelo repouso, muito pelo contrário, estimula a produtividade e o desempenho como códigos de sociabilidade e moral. O cansaço da atual conjectura traçada por Han (2015) não abrange apenas a fadiga física, mas contempla também a estafa mental que prejudica os modos de convivência e as formas de percepções da vida. O livro é dividido em sete capítulos, sendo que apenas o último deles é nomeado com o título da obra.

Longe do senso comum e das ideias pré-concebidas, Han (2015) visualiza uma outra configuração social a partir da resignificação de valores. Para ele, o início do cansaço que assola a sociedade se encontra nessa transformação de sentido: as referências que seriam consideradas como negativadas porque trariam algum ônus (seja em âmbito individual ou social) perdem força no século XXI e passam a ser consideradas como sendo positivadas. Um tácito exemplo dessa transformação é quanto à interpretação do trabalho, um ponto muito questionado pelo autor no fomento do cansaço contemporâneo.

A negatividade, que é entendida como aquilo que deve ser combatido, aniquilado até o final do século XX, não tem mais sentido de desaparecer e se mescla com as referências de positividade; e os dois paradigmas conceituais apresentam dinâmicas semelhantes de atuação na sociedade do cansaço. Com isso, a negatividade passa a ser um elemento camuflado nas práticas sociais como sendo positiva e é fomentada e praticada a ponto de se tornar um código de conduta moral. Não se combate a negatividade como era feito até o final do século anterior com as medidas de disciplina e controle, conceitos muito bem desenvolvidos por Michel Foucault sobre os cuidados de si e dos outros, na docilização dos corpos e na invasão da intimidade; a negatividade passa a ser compreendida como uma forma de prazer, não sendo interpretada como manifestações de estranheza. Por isso que não há mais sentido em lidar com a diferença como se fazia no passado com o procedimento denominado por Han (2015) como imunização. O inimigo já não é mais um elemento externo à vida, ele é acoplado à vida e inserido no esquema de produção e desempenho. Dessa forma que o autor considera que a doença e os males da saúde são considerados, na verdade, como violência neural, um distúrbio que turva os limites de representação.

A sociedade atual não conseguiria simbolizar a diferença e o estranho, por isso a necessidade de uniformização em positividade. Nessa passagem cabem as contribuições de Freud ao descrever sobre a dificuldade que existe em lidar com o outro, o que gera o mal-estar na sociedade. A incapacidade de lidar com as dificuldades cria os recalques que povoam o inconsciente a ponto de se tornarem tabus. A castração e a formação de recalque se tornam improcedentes na atual conjectura, uma vez que há a necessidade e a busca pelos prazeres e gozos e as manifestações de dor e desprazer se tornam inviáveis. Dentro desse paradoxo é que se encontra o conflito

de que a busca dos prazeres não pode ser considerada como algo doloroso.

Desse modo que Han (2015) acredita que os conceitos de sociedade da disciplina e de controle precisam ser reconsiderados. Isso não quer dizer que esses conceitos foram superados, eles trazem a negatividade e “no lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (Han, 2015, p. 24), que podemos incluir também o fomento às estruturas egóicas nos indivíduos. Esse entusiasmo é travestido de empoderamento e confiança desenvolvendo a sociedade do desempenho e da alta produtividade que não reconhece ameaças e fracassos como legítimos da condição humana.

Nesse momento que o autor traz à tona Hannah Arendt para abordar as relações de trabalho. Com a mesma iniciativa que teve com Foucault, Han (2015) reconsidera Arendt ao pontuar as atividades do *animal laborans*, conceito elaborado pela autora para denominar sujeitos que estabelecem subserviência ao trabalho. Na concepção da filósofa, as atividades do *animal laborans* desqualificam a condição humana em nome do labor, ou seja, das atividades repetitivas que são realizadas para a manutenção do sistema produtivo. Na atualidade, o trabalho não é mais visto de forma negativada, muito pelo contrário, mesmo sendo atividades repetitivas, elas são supervalorizadas, pois estão a par das condições de produtividade e de alto desempenho, condições elementares para pertencimento social. Reconhecer no trabalho uma saída próspera para a realização pessoal e o reconhecimento social é outro motivo para a promoção da sociedade do desempenho e do cansaço.

Han (2015) considera que até mesmo outro conceito de Arendt, *vita activa*, torna-se na atualidade uma referência ao labor, isto é, a atuação do sujeito e o seu reconhecimento no meio social são mediados pelas próprias práticas do trabalho. O conceito de *vita activa*, que foi concebido pela autora como a atuação na vida social de tal forma que essa prática social trouxesse benefícios à vida coletiva, hoje é simbolizado pela adesão maior e mais complexa às práticas do trabalho e, por consequência, à produtividade. Dentro dessa condição que o autor propõe o surgimento das doenças que são sintomas do adoecimento neural em que o ser-ativo, como ele mesmo sugere, está intimamente ligado ao desenvolvimento da hiperatividade e da histeria do desempenho pós-moderno.

As consequências das mudanças na contemporaneidade, para Han (2015), não se limitam apenas às novas perspectivas do trabalho, mas abrangem também as sociabilidades, a saúde e, também, as percepções da qualidade de ver. Devido à hiperatividade, aliada ao propósito da produtividade, não é concebida a ideia de sujeitos passivos ou inativos, e as condições de percepções de ver também ficam prejudicadas. A contemplação da vida, da arte ou de qualquer momento ou elemento que possa trazer prazer, mesmo que seja uma referência simples do cotidiano, perde força na concepção de desempenho.

Para Han (2015), a hiperestimulação sensorial dispersa o sujeito no emaranhado tecnológico e urbano e, por

isso, a ocorrência da hiperatividade e a integração do sujeito ao sistema de histórico do desempenho como sendo um movimento natural e condicionante como modo de vida contemporâneo. A ideia de *vita contemplativa*, concebida por Nietzsche, perde o sentido. Nietzsche acreditava que a *vita contemplativa* não seria a aceitação passiva àquilo tudo que convém ou é ofertado à sociedade, muito pelo contrário, para o filósofo, contemplar seria justamente ter o tempo para selecionar os estímulos que são oferecidos e reter o que realmente faz sentido e tem algum tipo de importância. O ritmo frenético dos estímulos, que muitas vezes são pautados pelos meios de comunicação e pela constituição do espaço urbano, não permite a fruição e a seleção adequada para a contemplação da vida. Assim, não há o rompimento de uma cultura hiperativa para que aflore novos signos que mostrem o caminho para outras formas de estética. Os instintos limitativos, que seriam justamente aqueles que ofertam a interrupção da ordem histórica e produtiva para a seleção dos prazeres estéticos, não são praticados e “o agir se deteriora numa reação e ab-reação inquieta e hiperativa” (Han, 2015, p. 52).

Nessa passagem, Han (2015) traz mais uma vez a concepção de Arendt sobre o *animal laborans* que elucida a compreensão da experiência estética. Para o autor, o sujeito que não consegue se concentrar na execução de apenas uma atividade, assemelha-se mais a um animal que à própria condição humana. O exemplo que ele propõe é quanto à realização das refeições em que o sujeito se mantém em atividade laboral mesmo enquanto mastiga o alimento, um comportamento muito semelhante aos animais selvagens que precisam se manter em alerta para qualquer possível ameaça. A experiência estética, conforme Dufrenne (2008), se apresenta de forma muito reduzida. Para ele, a ocorrência da experiência estética não é vislumbrada como algo que tenha algum objetivo ou alguma proposta pragmática. Para que aconteça é necessária a interlocução entre o sujeito e o objeto a ser apreciado, um diálogo que não é movido pela intenção de algo, mas pelo exercício de contemplação. Essa despreensão desse ensaio é o que suscita a realização da experiência e do prazer estéticos, não focando na intenção do autor da obra, tão pouco no movimento de que a obra possa ter alguma utilidade na condição de um objeto pragmático. “Toda percepção estética, na medida em que é desinteressada, realiza a apoteose do sensível que é a própria substância do objeto estético” (Dufrenne, 2008, p. 62). A ausência do tempo e a busca pela alta produtividade cegam essa experiência; tais fatores edificam de modo significativo a sociedade do cansaço.

Nesse momento também cabem as colocações de Christoph Türcke no livro *Sociedade excitada: filosofia da sensação* (2010). Para o autor, a excitabilidade é algo inerente na condição de uma prática moral na atualidade. As capacidades de despertar sensações se tornaram “marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo” (Türcke, 2010, p. 14), isto é, a qualidade de sentir, de preferência, fortes sensações, se tornou inerente à condição humana atual; uma reflexão já apresentada por Walter Benjamin ao propor a tecnologia como figura importante não apenas para a reconfiguração da noção de arte, mas também das formas de sociabilidade e da vida individual e coletiva. O interessante que Han (2015) apresenta uma discussão de como

os meios de comunicação, de certa forma, edificam pela tecnologia a histeria das sensações e a excitabilidade.

O livro, mesmo em pequenos ensaios, consegue transmitir de modo singular sintomas da contemporaneidade ao estabelecer diálogos pertinentes entre autores que, mesmo tendo concepções diferentes sobre alguns conceitos, estabelecem laços importantes para a construção epistemológica de saberes como é a interface existente entre Michel Foucault e Hannah Arendt. A ponte estabelecida entre os dois autores contribui muito para compreender as relações que existem entre trabalho e construção das subjetividades. Enquanto Arendt acredita que o poder é algo que é depositado e não conquistado pela força ou pelo autoritarismo, Foucault segue outro caminho ao acreditar que existe pequenas esferas de poder que estão presentes no meio social, muitas vezes imperceptíveis. Atuando em epistemologias diferentes quanto ao poder, uma concepção não anula a outra, uma vez que para ambos os autores o poder se naturaliza nas tramas culturais e repousa sob uma condição cristalizada na sociedade. Sobre essa normatização que Foucault acreditava que o poder se tornava um discurso praticado como modo de domesticação dos corpos e construção de subjetividades, e Arendt presumia que o poder estaria naturalizado no meio social pelo apoio dos próprios sujeitos que integram determinada sociedade. Assim, os códigos praticados como forma de poder se naturalizam sem o questionamento devido, sem a *vita contemplativa* pensada por Han (2015) e idealizada por Nietzsche, esfurelando os hábitos e os códigos morais a meros resultados de uma percepção produtiva.

Paralelamente a essa concepção, Han (2015) suscita Freud ao estabelecer reflexões sobre prazeres. Não muito distante da debilidade da experiência estética apresentada anteriormente como uma relação de desempenho, as contribuições da psicanálise ajudam a perceber o quanto as ocorrências de recalques estão cada vez mais distantes de serem realizadas. O prazer e o gozo, a par com a capacidade de excitabilidade, promovem signos éticos e morais na sociedade atual. Aquilo que seria algum indício de perversão ou psicopatia por trazer um dano à vida individual ou coletiva nem sempre é apagado ou disciplinado, ao contrário, pode ser estimulado e apreciado como manifestações positivadas para a existência humana. O sintoma dessa inversão de valores é o que ocasiona o surgimento de doença, a depressão e o cansaço contemporâneos e, de certa forma, a necessidade de manutenção dessa condição devido à naturalização do cansaço e da doença.

## Referências bibliográficas

DUFRENNE, Michel. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.